

30 JUN 1941

ESTANDARTE

JORNAL DE MOCIDADE

Redacção e Administração: PRAÇA DAS FLORES, N.º 49

Directores: LUIZ D'AVILLEZ
EDUARDO FREITAS DA COSTA

Editor: EDUARDO FREITAS DA COSTA
Secretário de Redacção: ARTUR PEDRO GIL

ANO I — N.º 4

Lisboa, 10 de Maio de 1941

PREÇO \$40

PORTUGAL E BRASIL reclamam no mundo o lugar que lhes compete

Carlos Magalhães de Azeredo, da Academia Brasileira de Letras, poeta e diplomata, escreveu em 1940 uma «Carta a Portugal» que a revista «Occidente» agora publicou em separata.

O «Estandarte» — jornal de mocidade ao serviço de uma alta ambição de império — apenas cumpre um dever transcrevendo dessa «Carta a Portugal» as conclusões, que são as nossas, que são as de quantos acreditam, com entusiasmo e com fé, na viabilidade de uma forte e arrojada política do Atlântico:

«Portugueses no Brasil só pela letra da lei são estrangeiros; moralmente são parentes nossos — parentes, em larga proporção, até no sentido próprio — são pessoas de casa, amigos e irmãos. E cada vez mais solidários connosco. Solidariedade que pode tomar ainda formas novas; quais, e até onde ela chegará na realidade das mútuas relações, circunstâncias futuras o irão determinando; mas desde já as circunstâncias presentes revelam novos interesses comuns de transcendente importância. O mesmo estado actual do orbe profundamente desorganizado

lhes corrobora a trama e lhes dilata o alcance. Derivam d'ele para os dois povos deveres peculiares, uma missão própria a cumprir. De uma à outra praia do Atlântico as duas atalaias da civilização cristã trocam os seus gritos de alarme e os seus planos de defesa. Com almas fraternas e na mesma língua os trocam. A que perigos será preciso resistirmos, que pelepas e que transes afrontarmos juntos? É mister que pousemos na mesma balança e no mesmo cofre os tesouros e os talismans herdados dos mesmos avós: a Cruz e as chagas do Redentor, os astrolábios do Infante, a esfera armilar dos navegadores, o poema de Camões, os pergaminhos de lealdade e heroísmo, de inteligência, de trabalho, de cultura, de glória, que nos têm nobilitado no conspecto de Deus e dos homens. É mister que as nossas élites ferverdamente aliadas se munam e se aparelhem, como as falanges dos monges-cavaleiros da Idade-média, para a grande liça. Com essas credenciais prestigiosas, e com o inabalável propósito de sermos sempre nós mesmos,

inconfundivelmente nós, e não simulacros ou paródias de outros, de guardarmos sacros, inalteráveis, o vigor do nosso sangue e o génio da nossa estirpe, poderemos, afoitos, declarar: «Portugal e Brasil reclamam no mundo regenerado o lugar que lhes compete, não só para seu bem, mas para bem de todos».

Portugal e Brasil — «aliança de Impérios congregando Pátrias».

Editorial

Solidariedade Atlântica

Refazem-se espiritualmente as rotas das caravelas, das naus e dos galeões. Reacendem-se fogueiras de velada em um lado e outro do Atlântico. Incendiam-se almas num alvorço de impérios. A Europa descobrira a América. Volta a descobri-la. E os americanos refazem, por seu turno, a viagem inicial — entram, de cabeça alta, mas descoberta, nos solares dos seus maiores: Portugal para o Brasil; Espanha para tôdas essas nações que do golfo do México ao estreito de Magalhães desenharam, com os olhos na linha tradicional dos seus destinos, o perfil audacioso de uma nova civilização.

Mas uma civilização de tipo europeu — pois sem essas nações como sem o Brasil (Salazar o disse no al-môço que ofereceu nos Paços de Sintra ao Ministro dos Negócios Exteriores da Argentina) «a Europa seria mera expressão geográfica amputada do seu significado moral».

De mais a mais (como definiu António Ferro no dia 3, ao microfone da Emissora Nacional, quando falava para o Brasil) entre a Europa e a América existe, «real no sentimento vivo» que une portugueses e brasileiros assim como espanhóis e hispano-americanos, a Atlântida, continente de oceano: arco de ponte ligando o que é antigo ao que é jovem — num símbolo empolgante de trajectórias im-periais.

Três esperanças de Portugal



Confiança

A confiança é uma virtude. Uma virtude necessária, indispensável. Assentes nesta certeza, sem dúvida fundamental, faz pena verificar, em meio da época de verdadeiro ressurgimento que vivemos, a existência de certos seres mesquinhos, baixos, desdenhosos de tudo quanto é medularmente português e que só acham bom, perfeito, o que fôr produzido além-fronteiras.

Vem êste arrazoado todo a propósito do que observámos há dias, numa estação de caminho de ferro que serve uma zona de turismo muito conhecida de nacionais e estrangeiros.

Um grupo conversava. Três raparigas e dois rapazes. Quasi sem querer ouvimos um deles—«papo-sêco» na total acepção do termo, dêstes que não têm nada dentro, na cabeça só o chapéu à americana (disseram-me que era à americana; eu não sei...) e que devem a sua aparentemente forte estrutura física ao contra-mestre da alfaiataria, um dêstes meninos 100 % «à cinema»—dizer: «Eu cada vez gosto menos de Portugal e dos portugueses. E, reparem, sou alfacinha da gêmea. Mas, não sei, isto tudo é tão «bera»: não há «cabarets» nenhuns, nem arranha-céus, nem sequer «auto-cars» nas ruas, em vez de carros eléctricos que lá fora ninguém usa... Por estas e por outras, eu detesto Portugal e os portugueses. Não tenho confiança nenhuma no futuro desta coisa tôda».

As meninas, uma loira à fôrça de muito litro de água oxigenada e outra sem côr definida, ainda pensaram em reagir. Mas ante aquela verdadeira chuva de argumentos tão pesados, dos arranha-céus e dos «auto-cars» (no dos «cabarets» acharam mais decente não falar), que lhes pareceu irrespondível, preferiram calar-se.

O jovem (devia ter vinte e tantos anos) ainda aduziu outras razões, sem dúvida poderosas como as anteriores, para alicerçar o desprêso, que tão estúpida e exibida, pela sua Pátria. Mas, para nós, chegavam. Retirámos-nos, enojados.

Evidentemente, pensámos, não fôra à manifestação a Salazar, dias antes. Não podia ter ido. Era impossível. Fizemos-lhe essa justiça, que não merecia. Porque, se fôsse, teria ganho a certeza de que Portugal, mesmo sem tôdas aquelas formas de progresso que no seu curto entender definem as grandes Nações, e que lamentava não encontrar cá, vale mais que muitos outros países, vale mais—porque não dizê-lo?—que todos os outros. Para nós, Portugueses, tem de ser assim mesmo.

Dizia-me um amigo: «Os Tyrones Powers são a causa próxima de muita atitude triste e muita frase idiota. Exercem, sôbre a mocidade de agora,

Da escolha do calçado depende, em grande parte, o êxito do campismo.

Se o botim fôr largo, a marcha faz aparecer empôlas dolorosas; se fôr curto, comprime o pé, impedindo os seus livres movimentos.

Um dos mais aconselháveis utensílios de campismo, é o «saco de dormida». É um saco de flanela grossa ou acolchoado, dentro do qual o campista se mete para dormir, ficando apenas com os braços e a cabeça de fora. Os movimentos que geralmente se fazem, durante o sono dão como resultado ficar destapada a maior parte do corpo. O saco não foge nunca e dá uma segurança bastante completa contra os resfriamentos.

No tempo frio ou húmido, um jornal com um buraco para enfiar por êle a cabeça, aquece tanto como uma boa camisola de lã. E os pés, forrados com papel, não estriam nem são atingidos pela humidade.

O campista pouco experiente, julga que a melhor manta é a maior e mais pesada. Devem atender à sua qualidade e não ao seu pêso ou



acção verdadeiramente nefasta. Repara que andam todos vestidos como êles. Até parecem asilados, impecavelmente de igual. Verdadeiros uniformes».

O rapazola da estação estava vestido à Tyrone Power. Agora me lembro! Concorro: os Tyrones têm, inconscientemente embora, grandes culpas.

«... não tenho confiança nenhuma no futuro desta coisa tôda». Eu não tenho é confiança nenhuma no futuro dêstes meninos todos. E quem me negará razão? Quem?

L. A.

PEQUENAS COISAS

grossura, escolhendo-a o mais quente possível, e de tamanho suficiente para o campista se embulhar nela.

Deve-se preferir a navalha à faca de mato. Além de provocar menos acidentes, por se poder fechar, pode ter duas lâminas, um saca-rôlhas, um abre-latas, uma pequena chave de parafusos e uma serrinha, e—às vezes—até uma pequena tesoura. É um dos mais úteis ajudantes do campista. Cuidado na sua escolha!

O campista deve trazer sempre consigo uma corda, sólida e leve, de linho, de pequeno diâmetro mas capaz de suportar o seu pêso e com um comprimento mínimo de 5 metros.

É útil em mil e uma coisa e pouco custa a transportar, quando prêsa ao cinto.

Durante as marchas e nas excursões que se fazem depois de acampados, é sempre vulgar o cansaço físico começar a fazer-se sentir por uma sensação desagradável de extenuamento geral e dôres musculares.

A maior parte das vezes êsse «mal-estar» é afastado se comermos dois ou três quadrados de açúcar.

Quando, em terreno descoberto, o sol muito quente incida sôbre o campista, deve-se meter algumas fôlhas verdes dentro do bivaque: é o suficiente para conservar fresca a cabeça... e as ideias.

Se quisermos obter um bom chuveiro para banhos de aspersão, bastará pendurar um regador com crivo, a cujo gargalo se amarrou uma corda que o campista puxa para a água cair.

GIL

Concurso de ensaios

Com o fim de estimular o desenvolvimento da actividade crítica dos jovens portugueses, a Associação Académica da Faculdade de Letras de Lisboa, promove o concurso de ensaios nas seguintes bases:

- 1) Todos os jovens portugueses, estudantes ou não, poderão concorrer.
- 2) Os ensaios poderão ser históricos, filosóficos, literários, políticos ou sociais.
- 3) O critério que presidirá à classificação dos ensaios será o de premiar o ensaio que revelar mais inteligência, mais cultura, mais originalidade.
- 4) Serão atribuídos dois prémios aos dois melhores ensaios:

1.º	300\$00
2.º	200\$00

5) O júri que atribuirá os prémios será constituído por um delegado da Associação Académica e por dois professores da Faculdade de Letras de Lisboa.

6) Os originais deverão ser remetidos à Associação Académica da Faculdade de Letras, Rua da Academia das Ciências, dactilografados e assinados por um pseudónimo, até ao dia 31 de Maio do corrente ano.

Noutro sobrescrito, tendo por fora o pseudónimo, deverá vir o verdadeiro nome e endereço do concorrente.

7) Os ensaios não deverão exceder 50 páginas dactilografadas em papel normal.

As aventuras do 'Português'

O PRESIDIO DE GEBÁ

O ATAQUE DOS FULAS

Naquela época — estávamos em 1886 — os povos da Guiné mantinham-se numa agitação pouco tranqüilizadora. Indígenas das várias raças que vivem naquela província, *biafadas*, *mandingas*, *fulas*, *papéis*, guerreavam-se constantemente pelos mais variados motivos e obrigavam assim as nossas autoridades a intervir para a manutenção da ordem e da paz necessárias à vida das populações pacíficas.

O português procurava dêsse modo proteger os fracos e evitar que os povos mais aguerridos abusassem da sua força espoliando os outros.

Em Junho daquele ano o filho do Umbuco, régulo fula, ia provocar uma dessas fulminantes acções de repressão. Pondo-se à frente de 500 fulas o jóvem guerreiro assaltou com ímpeto duas «tabancas» no território de Sancoria.

Essas duas povoações fortificadas estavam guarnecidas com gente do célebre Mussá-Molo, e este régulo — ao saber do acontecido — resolveu imediatamente exercer violentas represálias. Com a cobardia própria de quem não combate por um elevado ideal, Mussá-Molo não se atreveu a dirigir o seu ataque contra os guerreiros de Umbuco, autores da carnificina, e foi raziar com a sua gente algumas povoações que nada tinham com o acto de pirataria praticado pelos fulas, matando e destruindo quem estava inocente de culpas.

Esquecera-se, porém, que — nas imediações dos povos atacados — o Presidio de Gebá, com reduzido número de soldados embora, velava pela segurança dos fracos.

A sua vilania ia-lhe custar caro.

A COLUNA DE UMA HORA

A resposta do português à infame provocação não se fez, com efeito, esperar. Reünindo, no curtíssimo prazo de uma hora, 200 homens — entre praças do Presidio e auxiliares indígenas — o chefe da fortaleza atacou «tabancas» daquele régulo.

A pequena coluna, tão rapidamente organizada, colheu de surpresa os guerreiros de Mussá-Molo e, arrazando por completo as povoações, pôs em debandada as forças que as guarneciam; não



pôde, porém, prosseguir na punição devido à exiguidade dos seus efectivos e teve de recolher ao Presidio, contentando-se com o meio-castigo infligido.

A paz não ficara consolidada e a lenda, que corria entre os povos da Guiné, de que Mussá-Molo era invencível parecia aos negros cada vez mais verdadeira.

O potentado indígena sorria cinicamente ao ver retirar a força portuguesa. O sorriso não tardaria a morrer-lhe nos lábios.

O INVENCIVEL MUSSÁ-MOLO

Era conhecer mal o português, supôr que êle não levaria a cabo a empresa a que se entregara. Mal chegou ao Presidio o chefe tratou de preparar uma nova expedição e, com 80 praças da guarnição e cerca de 4.500 auxiliares *biafadas*, *mandingas* e *fulas* fiéis, constituiu a coluna que iria restabelecer definitivamente a ordem na região.

Era em plena estação das chuvas. A terra, já de si pouco consistente, absorveria tanta água que as florestas se encontravam cortadas em tôdas as direcções por largos pântanos, perigosos e traiçoeiros. Penosamente, com mil sacrificios, a coluna avançava; os corpos, sob as grossas bategas que caíam do céu, tiritavam e enterravam-se no lodo. Mas que importavam as dificuldades? Era preciso mostrar às povoações que tinham confiado em nós que a protecção do português não era uma palavra vã.

Metidos quasi até à cintura na terra empapada que parecia fugir-lhes debaixo dos pés, encharcados até aos ossos pela chuva que não parava um momento, os homens do Presidio de Gebá avançavam ao encontro da morte, impávidos e corajosos. Mussá-Molo esperava nas suas «tabancas» fortificadas de Fancá.

E o embate deu-se por fim. O régulo reünira tôdas as suas forças, mas os nossos não se deixaram intimidar. A luta foi renhida; os largos mantos brancos dos fulas esvoaçavam no entrechoar da batalha; os corpos retezavam-se, com uma rigidez de aço, na fúria do combate; balas sibilavam com zumbidos sinistros de morte. A guarnição das «tabancas» começa a ceder perante a impetuosidade do assalto; mais um esforço... mais um arranque...

O invencível Mussá-Molo foge, abandonando no campo centenas de mortos...

Ilustração do Vanguardista GUY MANUEL

EDUARDO FREITAS DA COSTA

O próximo episódio intitula-se «OS DEZ ALGARVIOS DE CALAPUTI».

Interferências

Espírito de Vanguarda

A propósito da interferência com este título recebemos de um velho camarada o seguinte bilhete postal:

«O teu eco bastou, e todos aqueles que generosa e desinteressadamente se bateram pelo mesmo ideal, em condições tão difíceis, te agradecem a audácia dessas três palavras em letra de fôrma — «Acção Escolar Vanguarda». Quasi nos pareceu que tinhas transcendido o acto de justiça para praticares também um acto de coragem!

«Tu, como poucos, sentiste êsse extraordinário «clima» que nos rodeou nos primeiros tempos de Universidade, e no qual se desenvolveu a actividade prodigiosa de uns poucos de rapazes dando tudo da sua Juventude numa luta que foi árdua e difícil. Foi talvez o momento mais generoso desta geração que ora sobe à vida.

«O único prêmio recebido após tantos esforços, tanta luta, tanta dificuldade, cabe perfeitamente no teu eco. Interferiste num esquecimento que por ser injusto não podia ser «político» dentro do espirito de Vanguarda! Bem hajás por isso!»

Presença

Todos fomos ao Terreiro do Paço, no dia 28. Todos gostámos de ter ido ao Terreiro do Paço. Ver Salazar, ouvir Salazar, aplaudir Salazar, é motivo de fé e confiança para todos nós. Sobre-tudo para «Nós», mocidade, para «Nós», rapazes da camisa verde. Cada vez que Salazar fala, e só o faz em ocasiões fundamentais na vida da Nação, Portugal inteiro ouve uma lição do Mestre, do Guia, do Chefe que a Providência nos deu.

A Manifestação Nacional foi, sobretudo, acima de tudo, uma lição magistral, ditada pelo único Português capaz de a proferir.

Lição de Fé, de Certeza, de Alegria, de Confiança. Lição única.

Estava repleto o Terreiro do Paço, aula grandiosa em que se tinham reunido os discípulos vindos dos quatro cantos da Pátria.

Na altura da chamada ninguém pensou em faltar. Todos gritaram, bem alto, para que o Mundo ouvisse: Presente!

Porquê?

Estava cheio o Terreiro do Paço. Mas havia uma falta. Centenas de rapazes da M. P., preferiram deixar a tarde em casa e apresentar-se à paisana.

¿Porquê não deixar ver a Salazar que somos, conscientemente, componentes da Organização Nacional por êle criada para unir num mesmo abraço o rapaz da tábrica e o da escola, o da Universidade e o do campo, o do mar e o da serra?

O uniforme deve exibir-se menos para que as meninas lhe apreciem o côrte, do que para exteriorizar o que somos, qual a nossa posição.

¿Não sentimos todos, rapazes da M. P., um frêmito de alegria e de orgulho pela honra que à M. P. foi cometida de, pela voz de um dos seus comandantes da Falange, exprimir os sentimentos do Povo Português para com o Chefe?

Essa honra envolve responsabilidades de que temos de ser dignos. Essa alegria e êsse orgulho exigem de nós o amor pela tarde sob a qual servimos a Revolução.

O PRÍNCIPE DAS MÃOS VAZIAS

P o r A D O L F O S I M Õ E S M U L L E R

OS TRÊS PRÍNCIPES

Adeus, Senhor! A vossa bênção, Pai...
E fiquei certo: a coroa será minha!

E em seus corséis de batalha os três príncipes partem em busca da melhor prenda. Entretanto, o Bobo vem à frente e, sentado numa almofada de veludo, comenta:

O BOBO

Mal empregado dinheiro!
P'ra que gastar tanta «massa»,
se tinha em mim um herdeiro,
de graça e com muita graça?

Se recebesse a maquia
que o monarca deu aos três,
eu nem sei o que faria,
faria o que ninguém fez...

A VOZ DE QUEM TUDO SABE

Trup! Trup! Os cavalinhos
já lá vão a galopar,
na poeira dos caminhos,
na poeira do luar.

Trup! Trup! Os três infantes
não pararam um segundo:
viram países distantes,
deram quasi a volta ao mundo.

Trup! Trup! Já os vejo...
Lá vêm eles! Que traão?
Trazem no rosto o desejo
que lhes vai no coração.

Trup! Trup! Os três infantes
partiram, segundo a Lei,
mas não voltam como dantes:
— voltam dois, porque um é Rei!

O BOBO

Schiu! Caluda, cada qual!
Não quero cá fungagá,
porque El-Rei está muito mal...
Ah! Ah! Ah!

Mas o Monarca, esta é boa,
não sabe, por minha fé,
a quem dar a sua coroa...
Eh! Eh! Eh!

— Ao Duque, ao Barão, ao Conde?
pregunta de si p'ra si,
Mas o «si» não lhe responde...
Ih! Ih! Ih!

Vamos lá ver desta vez
— coitadinho, mete dó! —
se êle escolhe algum dos três.
Oh! Oh! Oh!

Mas se hesita ainda assim,
o melhor, por Belzebu,
é deixar a coroa a mim...
Uh! Uh! Uh!

(O Bobo sai gargalhando e a cortina corre: é como se se virasse a primeira fôlha de um livro e se encontrasse uma estampa colorida e animada).

O REI

Ide, meus filhos, caminha à-toa!
Correi terras e mares, à aventura...
E à volta a um de vós darei a coroa
nestas trémulas mãos já mal segura.

OS TRÊS PRÍNCIPES

A qual de nós, meu Pai, Senhor e Rei?
Qual há-de ser o vosso sucessor?

O REI

A qual de vós? Tendes razão, Nem sei...
— Se a todos três eu tenho igual amor!
Sois todos fortes, generosos, belos,
todos dignos de erguer, por sua mão,
na torre de menagem dos castelos
a bandeira da Pátria...

OS TRÊS PRÍNCIPES

Mas então
à volta a quem dareis o trono e o manto?

O REI

A quem?!... Meu Deus, a quem?!... Pois seja
assim...

Tomai trinta moedas... Outro tanto
para vós também... E para vós enfim...
Parti agora em paz. O meu herdeiro,
o senhor de nós todos, há-de ser
o que souber gastar o seu dinheiro
na prenda que me dê maior prazer.

Adeus, meus filhos. Ide e regressai,
e esta vida do termo se avizinha...

Restituía os saquitéis
cheinhos de ouro e de notas...
E eu, o Rei dos ouropéis,
do Reino das cambalhotas,

diria, como eu cá sei,
com meu cetro a guisalhar:
— Mas para quê outro Rei,
se passo a vida a «reinar»?

E eu, o Bobo Giroflá,
Ah! Ah! Ah!
o Palhaço Barnabé,
Eh! Eh! Eh!
eu, o Truão Colibri,
Ih! Ih! Ih!
o Faz-Tudo Trolaró,
Oh! Oh! Oh!
— seria El-Rei Dom Lirú...
Uh! Uh! Uh!

Ouve-se o galopar dos cavalos, agora perto e logo na distância e outra vez mais forte. Enquanto vão e voltam no diminuindo e crescendo do «pumba-catapumba», ouve-se uma voz, como eco da galopada e que é

Trup... Trup... Os cavalinhos
pararam de galopar...
— Fiquem todos caladinhos,
que os príncipes vão falar.

OS TRÊS PRÍNCIPES

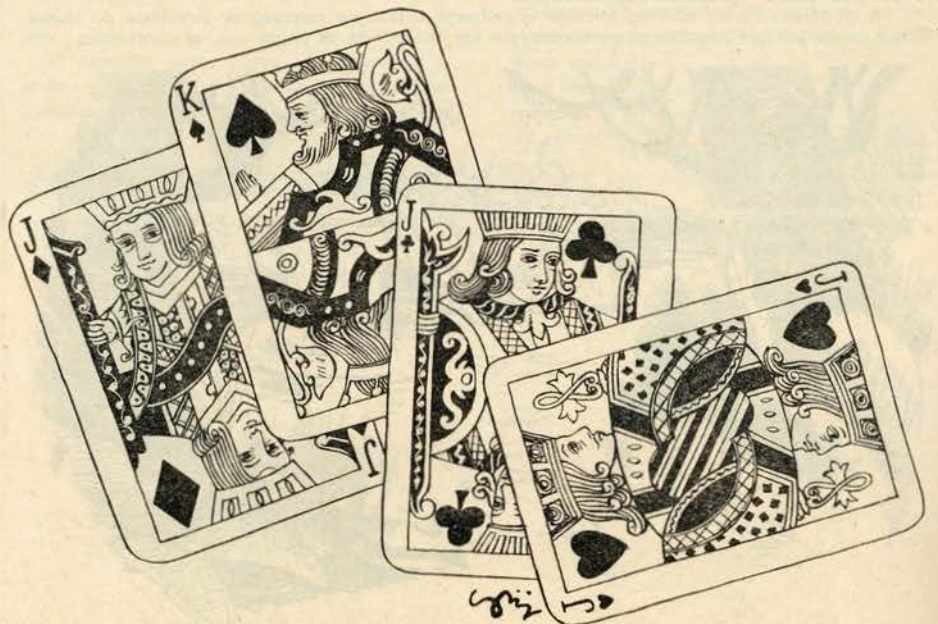
Senhor, a vossa bênção!

O REI

Filhos meus!
Inda bem que voltastes! Esta vida
é chama que se apaga... Mas quis Deus
que eu vos visse na hora da Partida.
Aguardai ansioso a vossa vinda!
A todos abençoção... Mas dizei:
que prendas me trouxestes? A mais linda
há-de valer o título de Rei...

O FILHO MAIS VELHO

Seja o mais velho o primeiro...
Hei-de ser eu o monarca,
pois gastei o meu dinheiro
no recheio desta arca!



Vêde, Senhor: diamantes,
jóias de raro fulgor,
e tão belas, tão brilhantes,
que até o Sol é sol-pôr...

Ai que chuvinha de estrêlas!
Ponde a Lua à sua beira...
—Se a gente demora a vê-las,
corre o perigo da cegueira...

O REI

Fizestes bem, meu filho. A vossa prenda
enche o meu peito de orgulhoso enleio.
Melhor do que isto—só em sonho ou lenda...
Mas eu quero ouvir todos.—O do meio!

O SEGUNDO FILHO

A grande nação vizinha,
que tanto mal nos fazia,
comprei-a, Senhor: é minha,
—é vossa, desde êste dia...

Nunca mais haverá guerra!
Lírios e pombas sòmente...
Aumentei a nossa Terra:
—eis, Senhor, o meu presente.

Alegre, como num sonho
que é vida porque Deus quis,
a vossos pés eu deponho
—bandeiras dêsse pais!

O REI

Filho, vencestes: mais que todo o oiro
vale um palmo de terra que se oferta
à nossa Terra... E desde já agoiro:
—a coroa será tua pela certa!

Mas falta ainda a prenda do mais novo...
Justiça até ao fim. Que avance e fale!
Quero mostrar a vós e ao nosso povo
que amo e atendo todos por igual.

Porque se cala então? Será possível
que nada me trouxesse?! Olhai, «amigo»:
se a minha cólera transpõe o nível,
heis-de sentir o péso do castigo...

O PRÍNCIPE MAIS NOVO

Eu nada vos trago, é certo,
nada vos trago, Senhor!
Cavalguei por longe e perto...
Só vos trago o meu amor.

O REI

O amor dum filho ingrato...
Mas a vossa ingratidão
—êsse negro desacato—
pagá-lo-eis na prisão,
em Torre tão alta e esguia
que o mundo não veja enfim
que inda pulsa, à luz do dia,
um coração tão ruim!

Antes, porém, dizei tudo:
—Que fizestes do dinheiro,
manchando assim vosso escudo,
vergonha dum povo inteiro?

O PRÍNCIPE MAIS NOVO

Senhor! Meu Pai... Perdoci,
mas permiti que me cale.

O REI

Eu, vosso Rei—que não Pai!—
ordeno: dizei-me qual
o fim, que já se suspeita,
do dinheiro que vos dei.

O PRÍNCIPE MAIS NOVO

Pois bem, Senhor! Seja feita
vossa vontade de Rei.
Quando saí da cidade,
levando as trinta moedas,
e a pensar no que em verdade
vos traria—jóias, sedas,
coisa bela, com certeza,
digna dum Rei como vós—
vi tanta fome e pobreza
e tanta miséria atroz,
que dei quanto possuía...
Mais pobre do que ninguém,
fiquei rico de alegria
—que a alegria é grande bem.
Mas perdoci-me...

O REI

Meu filho!

É tua afinal a coroa
—a ganhar beleza e brilho
ante uma alma tão boa...
Bem mais do que os teus irmãos,
tu a mereces! Trazias
vazias as tuas mãos,
mas não as vejo vazias...
Pelo contrário, se as fito,
à luz que delas se evola,
vejo-as no gesto bemdito
de quem ataga e dá esmola.

E agora cumpra-se a Lei...
Quanta alegria me dás!
Senhor meu filho e meu Rei,
—já posso morrer em paz.



Ilustrações de GUY MANUEL

Flores ensinadas

Um grande jornal noticioso anunciava há
dias: «Flores—ensinam-se tôdas as qualidades».

É esta seguramente uma das maiores revo-
luções operadas pela época revolucionária que
vivemos. Flores ensinadas! De tôdas as quali-
dades! Desde os elegantíssimos brincos-de-prin-
cesa equilibrando-se prodigiosamente sôbre o
arame bamboleante até aos populares cravos de

Santo António saltando as fogueiras—a que
maravilhas não iremos assistir!

Mas por outro lado é triste e doloroso que
até as flores sejam arrastadas no torvelinho do
nosso tempo. De hoje em diante—mercê do espí-
rito inventivo de um qualquer empresário que se
esconde em modesto anonimato—já não serão
só certos políticos a dansar na corda bamba,
nem os saltos de trampolim serão o exclusivo
de alguns cavalheiros da alta finança...

Referências

Patriotismo por convite

Chega-nos uma informação que nós bem de-
sejaríamos fôsse errada, mas que, infelizmente,
o não é.

Na grande manifestação nacional do dia
28 de Abril a M. P. de Braga não se fez repre-
sentar oficialmente na concentração realizada
naquela cidade «porque não recebera convite da
Câmara Municipal».

Há politiquices que não se compreendem,
amuadelas que não se admitem.

¿Será a Organização Nacional desconhe-
cida dos que, infelizmente para êles, já não
são Mocidade?!

Por outro lado ¿Serão precisos convites es-
peciais para quem pretenda ser patriota?!

Dramas «burrocráticos»

Um ilustre desconhecido é atropelado. Levam-
no para o Hospital. Entre outras coisas, perdura
a fala. Sofre, durante dias, sem a recuperar, e
por fim morre. Como é da praxe, mandam o
cadáver para a Morgue.

Acompanhava-o um ofício que no seu la-
conismo dizia: «Junto tenho a honra de reme-
ter a V. Ex.^a o cadáver de um indigente sem
fala».

Autêntico.

Num outro hospital.

Uma família, visivelmente ansiosa, entra na
Secretaria. Adianta-se o que parece ser o «pater-
-familias» que, pelo «guichet», pergunta a um
velhote—cara impassível, múmia viva, encarre-
gado de informar o que houver acêrca dos
doentes—notícias do doente X.

O velho folheia com impressionante calma
um grosso volume onde está tudo registado. De-
corrido tempo, que pareceu à família uma eter-
nidade, diz, com voz frigidíssima e inalterável:
«O doente X morreu hoje». Calcule-se o cons-
trangimento dos que iam a notícias—que espe-
ravam bem melhores. Desanimados, vão a reti-
rar-se. Nisto o velho, sempre espantosamente
calmo, mete a cabeça pelo «guichet» e chama:
«Pst, ó senhor. Houve engano». A família volta,
em tropel, e todos se comprimem para ouvir me-
lhor a verdade. E o velhote, folheando o livro
mais uma vez: «O doente X não morreu. Quere
dizer, não morreu hoje, foi ontem...».

Também é autêntica.

ESTANDARTE

Sai a 10 e 25 de cada mês

ASSINATURAS

Trimestral	2\$40
Semestral	4\$50
Anual	9\$00

Os assuntos de redacção e administração
tratam-se das 10 às 12 horas e das 18 às
20 horas na Praça das Flores n.º 49

COMPOSTO E IMPRESSO NAS

Officinas Gráficas da Casa Portuguesa
Rua das Gáveas, 103—Lisboa

É distribuidor exclusivo de «Estandarte»,
Editorial Organizações, L.^{da}—L. Trindade
Coelho, 9, 2.º—Tel. P.A.B.X. 2 7507—Lisboa

Propriedade da O. N. M. P.

"MOCIDADE PORTUGUESA"

Dia do "Lusito"

O «dia do trabalho» destinou-o o Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, em feliz inspiração, para ser nêle celebrado o «Dia do Lusito» — dia dos seus filiados mais novos, a melhor esperança da Organização. E sendo o trabalho uma das mais belas formas de servir a Nação, a primeira vez que se consagrou essa data deu-se-lhe um significado particular prestando-se pública homenagem ao maior trabalhador de Portugal — a Salazar. Futuros «infantes», futuros «cadetes», futuros continuadores de Portugal, os lusitos de hoje são educados no amor ao trabalho.

Por notícias recebidas, sabe-se que em todo o País tiveram um cunho enternecedor as festas que, por iniciativa das várias Delegações da M. P., foram dedicadas aos lusitos.

Em Lisboa, no salão de festas de «A Voz do Operário», realizou-se um espectáculo perfeitamente adequado à idade dos filiados, ao qual assistiram os senhores Ministro e Sub-Secretário da Educação Nacional, Secretário Geral do Ministério, Comissário Nacional, Comissários Nacionais Adjuntos e muitos outros dirigentes da Mocidade Portuguesa. Do programa constou a exibição do filme «Pinocchio», um acto folclórico, em que foram apresentadas as várias Províncias Portuguesas, e a representação do acto infantil, expressamente composto por Adolfo Simões Müller, «O Príncipe das mãos vazias», que noutro lugar publicamos.

Devido ao mau tempo, só no dia 3 se realizou o passeio ao Jardim Zoológico, incluído no programa da celebração do «Dia do Lusito». A esta concentração assistiram cerca de 5.000 filiados do 1.º escalão, a quem foi distribuída uma merenda.

Reunião dos Comandantes das Escolas de Graduados

Sob a presidência do Comissário Nacional realizaram-se, nos dias 2, 3 e 4, reuniões dos Comandantes das Escolas de Graduados da Mocidade Portuguesa, com o seguinte programa de trabalhos: 1 — Relatório e crítica dos trabalhos dos cursos de inverno das Escolas. 2 — Revisão do Regulamento de Instrução e Promoção de Graduados. 3 — Programa dos cursos.

Além dos Comissários Adjuntos, assistiram às sessões o Director de Serviços de Instrução de Graduados que é, simultaneamente, o Comandante da Escola Central de Graduados de Lisboa, os Comandantes das Escolas Regionais do Porto e Coimbra e alguns professores das mesmas escolas.

Jogos Florais e Concurso de Fotografia da Província da Extremadura

Durante o mês de Maio, têm lugar os Jogos Florais da Província da Extremadura, nos géneros de Poesia Patriótica e de Poesia de Exaltação à Mocidade Portuguesa, a que podem concorrer todos os filiados inscritos nos Centros das Alas da Província. A apreciação das provas presentes ao concurso será feita por um júri a nomear e a distribuição de prémios terá lugar em espectáculo público a realizar no fim deste mês.

Foi também aberto um concurso de fotografia entre os Centros de Instrução das Alas da Província, ao qual podiam concorrer todos os filiados inscritos.

Cruzeiro de Férias às Ilhas Adjacentes

Realiza-se no próximo mês de Agosto o 1.º Cruzeiro Náutico da M. P., de acôrdo com as seguintes instruções:

1 — O Cruzeiro será feito, por concessão amabilíssima de S. Ex.ª o Ministro da Marinha, a bordo do navio-escola «Sagres», no mês de Agosto, com a duração de 20 a 25 dias. A data provável da partida é 5 de Agosto.

2 — O número de filiados que nele tomam parte é fixado em 31, constituindo 1 Castelo com seu quadro de chefes de quina e comandante.

3 — Será imediatamente aberta, até 1 de Maio de 1941, nos Centros de Instrução Náutica do Continente, a inscrição dos filiados que pretendem tomar parte no Cruzeiro. Dos filiados inscritos serão escolhidos 31 efectivos e 12 suplentes.

4 — Só podem inscrever-se filiados com mais de 15 anos de idade, considerados «Aptos» em Vela e Rêmo desportivos, segundo as regras especiais da M. P. (Ordem de Serviço n.º 9).

5 — A escolha dos filiados a embarcar, de entre os inscritos, será feita segundo o critério seguinte:

- a) Maior assiduidade;
- b) Maior aproveitamento:
 - em arte de marinheiro;
 - em instrução de sinais;
 - em arte de regata (Classificações homologadas);
- c) Melhores serviços prestados noutras actividades da M. P.;
- d) Maior antiguidade na M. P.

6 — Os filiados escolhidos para efectivos deverão pagar a importância de 150\$00 destinada a despesa de alimentação a bordo. O pagamento poderá ser feito por uma só vez ou em três prestações mensais de 50\$00.

7 — A bordo da «Sagres» funcionará o «Centro de Cruzeiro da M. P.», destinado a ministrar a instrução especializada de marinheiro. Os filiados que terminarem essa instrução com boas informações ficam com direito a diploma e ao uso de insígnia especial.

8 — O Centro de Cruzeiro terá um Director, dirigente da M. P. que seja oficial da Marinha de Guerra, e dois instrutores, — um de instrução geral ou educação física e outro de formação moral.

9 — O Comandante do Castelo de filiados embarcados será também Comandante do Centro, e desempenhará todas as atribuições que nessa qualidade lhe competem.

10 — O Centro do Cruzeiro fica subordinado, a bordo, ao Comandante do navio-escola «Sagres».

11 — Os filiados que forem escolhidos constituirão imediatamente as quinias e receberão, até ao embarque, instrução preparatória, segundo programa a estabelecer.

Cursos de Comandantes de Castelo

Terminaram no mês passado os cursos de inverno das Escolas de Graduados de Lisboa e Coimbra. Nestes cursos obtiveram a classificação de «Muito Aptos» 17 filiados da Escola Central de Graduados e 5 da Escola Regional de Coimbra, e de «Aptos» 50 filiados da Escola Central e 15 da Escola Regional de Coimbra.

Os filiados aprovados foram promovidos a Comandantes de Castelo em Ordem de Serviço do Comissariado Nacional.

A cerimónia da imposição das insígnias realiza-se amanhã, em Lisboa, para os filiados formados pela Escola Central de Graduados.

O Comissário Nacional delegou a imposição das insígnias aos filiados formados pela Escola Regional de Coimbra, no Delegado Provincial da M. P. na Divisão da Beira Litoral.

Campionatos Nacionais de Volley e Basket-Ball

Para apuramento das equipas que devem representar as várias Divisões da M. P. nos Campeonatos Nacionais de Volley e Basket, estão-se disputando com o maior entusiasmo, em todo o País, os campeonatos inter-alas.

